https://doi.org/10.20336/rbs.1260

Modernismo e regionalismo no Brasil: aproximações críticas

Modernism and regionalism in Brazil: Critical approaches

Modernismo y regionalismo en Brasil: enfoques críticos

Maria Arminda do Nascimento Arruda[*]

RESUMO
Tendo como foco as querelas entre os modernistas da primeira geração, representada pelas vanguardas de São Paulo, e os romancistas do decênio de 1930, o artigo põe em escrutínio a construção da categoria de "regional", vista sob o prisma de uma tradição intelectual que se firmou. Nesse sentido, discute-se o caráter das relações entre a literatura regionalista e as vanguardas, entendidas como partícipes e testemunhos da modernização em curso no país, uma vez que o chamado regionalismo foi componente do próprio movimento moderno. Pretende-se, também, revelar as contradições presentes na vida intelectual brasileira das quais os ensaios sobre a formação do Brasil são expressões marcantes.

Palavras-chave: modernismo, regionalismo, sociologia da cultura, sociologia da literatura, pensamento social brasileiro.

[*] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
Professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP), pesquisadora de Produtividade do Conselho Nacional de Pesquisa CNPQ, Membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo/ACIESP (2020). arr@usp.br

ABSTRACT

Focusing on the disputes between first-generation modernists, represented by the São Paulo avant-garde, and the novelists of the 1930s, this article scrutinizes the construction of the "regional" category through the lens of an established intellectual tradition. It examines the nature of the relationship between regionalist literature and the avant-garde, both of which participated in and bore witness to the modernization that was taking place in the country, since the so-called regionalism was itself a component of the modernist movement. The article also aims to reveal the contradictions inherent in Brazilian intellectual life, whose essays on the formation of Brazil serve as striking expressions.

Keywords: modernism, regionalism, sociology of culture, sociology of literature, Brazilian social thought.

RESUMEN

Centrándose en las disputas entre la primera generación de modernistas, representada por la vanguardia paulista, y los novelistas de la década de 1930, este artículo examina la construcción de la categoría "regional", desde la perspectiva de una tradición intelectual consolidada. En este sentido, analiza la naturaleza de la relación entre la literatura regionalista y la vanguardia, entendidas como partícipes y testigos de la modernización que se desarrollaba en el país, dado que el llamado regionalismo formaba parte del propio movimiento moderno. Asimismo, busca revelar las contradicciones presentes en la vida intelectual brasileña, de las cuales los ensayos sobre la formación de Brasil son expresiones elocuentes.

Palabras clave: modernismo, regionalismo, sociología de la cultura, sociología de la literatura, pensamiento social brasileño.

I

No Brasil, as relações entre a chamada literatura regional e o modernismo foram permeadas por controvérsias, muito especialmente quando escritores denominados regionalistas eram também autores identificados com o moderno. De saída, a própria categorização do que seja regionalismo literário é repleta de imprecisões, uma vez que, tanto os escritores anteriores ao movimento modernista de São Paulo quanto o romance social dos anos 1930, são interpretados na chave do regionalismo. Diferentes motivos estão na origem dessas concepções, mas interessa-me particularmente pensar as relações entre os escritores da terceira década do século XX e as vanguardas do decênio anterior, mesmo porque as celeumas mais significativas ocorreram entre modernistas de primeira hora e a geração de escritores – também modernos – de 1930. Não é simples elucidar as razões das querelas surgidas entre autores comprometidos com a literatura moderna entre nós. Porém, creio que a compreensão do modernismo enquanto projeto literário, político e de formação da nacionalidade não se completa sem que se trate das discordâncias que permitem apreender a diversidade do meio cultural brasileiro, buscando o modo pelo qual os vanguardistas do movimento afirmavam sua hegemonia e delineavam o escopo do moderno. Tais concepções – que se desdobraram posteriormente – difundiram-se entre os críticos. Noutras palavras, interessa-me entender: os caminhos divergentes que o modernismo brasileiro percorreu e que moldaram os rumos da nossa cultura moderna; de outra maneira, como a ficção dos anos trinta revelou a crise do Brasil tradicional, expondo os limites da modernidade em construção; finalmente, como o romance social, classificado por Antonio Candido como sendo "fortemente marcado de neo-naturalismo" (Candido, 1965, p. 147), equivale dizer, não propriamente modernista, concebeu imagens do país que se disseminaram para outras linguagens da cultura, a exemplo das artes plásticas, da música, do cinema, do teatro. Explicitamente, tenciono interpretar esta literatura como forma de compreensão de um mundo social em ritmo acelerado de desintegração.

II

Tradicionalmente formada segundo cânones eleitos por teorias reconhecidas, a crítica literária brasileira tende a interpretar a fatura das obras do ângulo de critérios originários de culturas literárias diversificadas, nas quais a presença de textos consagrados erige-se em referência assumida como modelo ideal. Os atributos da universalidade, ou seja, da capacidade de transcender a experiência imediata, são comumente mobilizados para aquilatar a qualidade da narrativa e a envergadura do resultado expressivo. A avaliação derivada desse universo de juízos consentidos entre os profissionais da área, que definem o valor das obras, predispõe a categorizar o regionalismo como gênero impregnado de localismos, confinado às experiências limitadas do meio social. A tônica geral da crítica que atribuiu ao regionalismo a condição de gênero menor costuma demarcar o terreno das suas orientações, assinalando que importa "ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele. Desse modo, as 'peculiaridades do regional' alcançam uma existência que as transcende" (Chiappini, 1995, p. 158). O trecho ilustra tendências das análises sobre o regionalismo, no caso, de inspiração dialética, cuja transcendência resultaria dessa capacidade – embora pouco explicitada – de ultrapassar a sua matéria imediata. Segundo este preceito, o êxito literário das obras depende da sua capacidade expressiva de autossuperação; em outros termos, do modo como combina os seus componentes criando uma outra totalidade, passível de ser identificada com contextos diversos do retratado. Sem pretender retirar derivações dessa concepção, importa reter o caráter impreciso da ideia central, na medida em que acaba assumindo posições substancializadas tanto a respeito de uma noção de generalidade, quanto de transcendência.

A questão de fundo parece-me ser de outra natureza, qual seja, a de refletir sobre o estatuto dessas concepções que, em última instância, baseiam-se no privilegiamento das dimensões internas das obras, ao invés de explorar a tensão entre a linguagem expressiva e a matéria social sobre a qual repousa.[1] Essa crítica literária, que pode reproduzir o que Pierre Bourdieu analisou

[1] Inspiro-me, aqui, metodologicamente, sobretudo em Adorno e na subsequente tradição dialética. Dentre seus vários textos, ver, por exemplo, "La crítica de la cultura y la sociedad" (Adorno, 1962).

como resultado do "grau da autonomia de um campo da produção cultural," que se manifesta no "grau ao qual o princípio da hierarquização externa está subordinado ao princípio da hierarquização interna" (Bourdieu, 1991, p. 6), raramente se indaga sobre as suas próprias orientações, tampouco sobre a construção das classificações e hierarquias estabelecidas. Derivam daí as concepções do caráter literariamente acanhado do regionalismo, encapsulado nos estreitos limites das experiências sociais circunscritas e em um estilo carente de envergadura expressiva. Por esse motivo, a análise do regionalismo pressupõe considerar o modo pelo qual foi abordado pela bibliografia especializada, isto é, como foi formulado enquanto gênero literário. No caso brasileiro, considero, fundamentalmente, que tratar da literatura regional requer pensá-la no bojo da afirmação do modernismo e das querelas, às vezes acerbas, que o acompanharam.

Atribuiu-se a categoria de regional à ficção produzida por escritores e mesmo por artistas provenientes de fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, o que já assinalava uma espécie de depreciação das obras e de autores de outras regiões, em especial daqueles pertencentes à segunda geração modernista (1930-1945). As vanguardas de São Paulo, especialmente, opunham o modernismo ao regionalismo, concepção que acabou por criar uma tradição que se firmou e se reproduziu na crítica posterior. Em contrapartida, movimentos renovadores, sobretudo em Pernambuco, nucleado por Gilberto Freyre, criticavam os modernistas da Paulicéia por sua visão autocentrada e preconceituosa. Similarmente, no Rio grande do Sul, outro núcleo distinguido do chamado regionalismo, o modernismo expressou-se, sobretudo, por intermédio da valorização da cultura local, quando não da sua defesa frente às vanguardas hegemônicas (César, 1971; Chiappini, 2004; Zilberman, 1992). O caso dos modernistas mineiros possui contornos próprios, pois ficcionistas e poetas, como Lúcio Cardoso e Carlos Drummond de Andrade, acentuaram o seu sentimento íntimo de Minas, quando já residiam na capital da República, participavam dos círculos letrados em posições distinguidas, o que nuançou o juízo estrito sobre a qualidade regional dessa literatura (Arruda, 1990).

Neste andamento, entender o tratamento conferido à moderna literatura regional pressupõe analisar as celeumas intelectuais que acompanharam a constituição do Brasil moderno e, por consequência, do modernismo. Percebe-se melhor a inclinação dos debates nos denominados ensaios sobre

a formação, pois, sob diferentes prismas e modos, permitem compreender as relações entre a gramática da cultura moderna e o projeto nacional, que, por sua vez, embeberam-se das questões regionais – *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre é exemplo notável disso. Nesses termos, os ensaios são tanto realizações próprias do cânone modernista, pois brotaram da identificação das vanguardas brasileiras com os projetos de transformação do país, quanto manifestações politicamente orientadas. Como sublinhou ainda Antonio Candido, há sincronia entre o ensaísmo e a literatura, tendo em vista que "os decênios de 20 e 30 ficarão em nossa história intelectual como de harmoniosa convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais" (Candido, 1965, p. 161). O movimento literário brasileiro dos anos 1930, sobretudo representado pelos romancistas do Nordeste, como José Lins do Rego, Raquel de Queiróz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros, expôs a crise do Brasil tradicional e os limites inequívocos da modernização. Semelhantemente ao ocorrido na Argentina, onde a cultura *criollista* foi componente da formação da moderna sociedade e, também, antecipação dos seus reveses (Prieto, 2006), no Brasil, as vanguardas enfrentaram o problema da construção do moderno sob a ótica da crise das relações tradicionais.

Por essa razão, parte das contendas exprime questões que, salvo engano, referem-se ao processo de constituição do campo literário do modernismo, que delimitou as fronteiras entre gêneros consagrados e secundários, firmando sua hegemonia como o cânone por excelência. A crítica literária não ficou infensa a esse movimento, do qual hauriu concepções normativas como a noção geral de universalidade, diga-se de passagem, de difícil precisão. A nossa condição de campo literário dependente permite elucidar a complexidade desse conjunto de múltiplos problemas. Nos termos de Antonio Candido, a

> evolução da nossa vida espiritual ... toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus (Candido, 1965, p. 131).

A oscilação caracterizada por Candido representa a condição dependente dessa literatura, cuja absorção dos modelos externos não é sempre

apaziguada. A tensão instaurada na origem – localismo, cosmopolitismo – repercute diferenciadamente em função de contextos históricos diversos. Se o decênio de 1930 assinalou

> quer a projeção estética e ideológica do Modernismo, quer a reação do espiritualismo literário e ideológico ... assistimos o admirável esforço de construir uma literatura universalmente válida [...] por meio de uma intransigente fidelidade ao local. A partir de 1940, mais ao menos, assistiremos, ao lado disso, a um certo repúdio do local, reputado apenas pitoresco e extraordinário; e um novo anseio generalizador, procurando fazer a expressão literária um problema de inteligência formal e de pesquisa interior. O Modernismo regionalista se amaina [...] (Candido, 1965, p. 150-151).

Como se vê, a própria inconstância literária delimita o afastamento em relação ao centro, nomeado por Pascale Casanova (2002, p. 116), "'de meridiano de Greenwich literário' que permite avaliar a distância do centro de todos os que pertencem ao espaço literário. A distância é medida igualmente em termos temporais: o meridiano de origem institui o presente, isto é, a modernidade na ordem da criação literária." Este mapa literário – que institui desigualdades no âmbito das relações externas e internas – abre espaço para juízos valorativos que permeiam as relações entre os agentes envolvidos nas disputas inerentes ao campo cultural (Bourdieu, 1991, p. 6). A universalidade deriva, assim, da condição de centro do meridiano literário.

A cidade de Paris foi o lugar da constituição dessa universalidade, que fez dela a capital da modernidade literária (Casanova, 2002), cuja literatura tornou-se referência na construção da tradição romanesca desenvolvida nos séculos XVIII e XIX, que "fez do romance a primeira forma simbólica verdadeiramente mundial" (Moretti, 2009, p. 11).[2] As razões da incorporação da forma romance como modelo de realização literária, *ipso facto*, como critério central de avaliação das obras, encontram na própria estilística narrativa motivos justificadores, uma vez que o gênero se moldou "historicamente no curso das forças centrífugas descentralizadoras" (Bakhtin, 2017, p. 42), movimento contemporâneo à expansão dos valores da modernidade; de modo similar, a dimensão normativa daí advinda enfraquece o contexto social de

[2] A aclimação da forma do romance no Brasil, bem como suas inerentes inadequações ideológicas, foi notavelmente tratada por Schwarz (1977, p. 29), que escreve: "o romance existiu no Brasil, antes de haver romancistas brasileiros".

toda criação humana. Nesse quadro, o regionalismo torna-se problema para a crítica, pois trata de assuntos dominantemente originados em meios sociais tradicionais, conservadores, comumente rurais, situados à margem da grande literatura (Chiappini, 1995). Evidentemente, é necessário explicitar os critérios utilizados para formar essas distinções. No que tange à literatura brasileira do decênio de 1930, as distinções foram concebidas a partir da primeira fase do modernismo de São Paulo que se torna hegemônico, com o seu propalado princípio da experimentação da linguagem. Não é casual que a essa literatura se lhe tenha atribuído a pecha de naturalista, ou seja, estilo avesso às propostas vanguardistas.

Visto sob esse prisma, o regionalismo é fenômeno moderno, pois mantém conexões com o processo de modernização. Na Inglaterra, foi uma modalidade de reação à vida nas cidades industriais, de "uma forma distinta de civilização" (Williams, 1989, p. 11). Ainda para esse autor, a intensa urbanização capitalista produziu uma "estrutura de sentimentos"[3] que se construiu sob uma imagem do campo como "uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples" (p. 11), o que explica o fato de, mesmo depois de a experiência citadina ser dominante, a literatura inglesa continuar fundamentalmente rural. Nesses termos, o regionalismo é construção cultural e literária localizada no espaço-tempo, enquanto a

> "região" ganhou o sentido moderno de "área subordinada", um sentido que, é claro, é compatível com o reconhecimento de suas características "locais" – "regionais". [...] E o que é notável, na questão da descrição cultural, é a contínua discriminação de certas regiões nesse sentido limitado de "regional", que só pode ser retida se outras regiões não forem vistas dessa forma. Ela é, por sua vez, uma função da centralização cultural, uma forma moderna de discriminação entre o campo e a cidade, e está intimamente vinculada à distinção entre cultura "metropolitana" e "provincial", que se tornou significativa a partir do século XVIII (Williams, 2013, p. 300).

A valorização do campo foi a contraface da industrialização na Inglaterra, da modernização capitalista, entendida pelas camadas dominantes como artificial e de efeitos agressivos. Segundo Williams, uma literatura de grande importância e expressividade surgiu no bojo desse mal-estar social.

[3] A expressão "estrutura de sentimentos" tem o significado, em Raymond Williams, de categoria analítica.

No caso brasileiro, o regionalismo emergiu com o romantismo e a sua identificação com as raízes da nacionalidade, presente no "indianismo e suas tendências regionais e campesinas, entrou a ponderar no romance com Bernardo Guimarães e Franklin Távora e invadiu a ficção [...] tornando-se quase um movimento social com Monteiro Lobato" (Candido, 1945/1992a, p. 45-46). Em cada uma das fases, há tendências que as distinguem: o indianismo nativista e as origens da nação, a exemplo da poesia de Gonçalves Dias e a ficção de José de Alencar; o romance sertanejo e local do mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884); o romantismo de caráter regionalista do Nordeste com o cearense Joaquim Franklin da Silveira Távora (1842-1888), cuja novela *O Cabeleira*, publicada em 1876, inaugurou a literatura do cangaço; finalmente, a ficção de Monteiro Lobato, já nos quadros da superação do modo de vida rural em São Paulo, engolfada pela crescente modernização. No conjunto, o regionalismo no Brasil caracteriza-se por preservar raízes identitárias, seja por afirmação nacional – o nativismo –, seja por resistência das elites locais frente à centralização do poder imperial – Bernardo Guimarães e Franklin Távora –, seja ainda por revelação do impacto da modernização sobre as culturas tradicionais – Monteiro Lobato. Em quaisquer dos casos, percebe-se que a cultura regional foi tributária de processos históricos, como o da construção da nação, a centralização política que atingiu o poder das oligarquias locais, a modernização e a industrialização que deslocou o domínio agrário.

É outro o problema das relações entre o modernismo e o regionalismo quando se trata do romance social dos trinta. Como se sabe, os modernos afirmaram a sua completa oposição à tradição, o que implica rejeitar a história pregressa, em nome das vanguardas guiadas por impulsos de permanente inovação e para além das barreiras culturais (Habermas, 1990, p. 13-32). No entanto, para Adorno (2021), a questão da relação com o passado cultural é mais complexa e, ainda, dialética. A efervescência metropolitana foi o substrato do desenvolvimento do modernismo: "mais precisamente, o modernismo é definido pelo local novo e específico dos artistas e dos intelectuais desse movimento dentro do ambiente cultural em transformação da metrópole" (Williams, 2007, p. 20). Esses princípios fundamentais da cultura moderna integraram o movimento das vanguardas no Brasil que se impôs como formação discursiva da vida intelectual brasileira, celebrada

pelos seus participantes. É nessa ambiência particular de modernização que se construiu a imagem do regional como o lugar das experiências sociais oriundas de contextos conservadores e passadistas. As relações entre modernismo e regionalismo tampouco foram da mesma natureza da que vigeu na Inglaterra a partir do século XVIII. Lá, não se tratava, como mostrou Raymond Williams, de pensar o campo como o lugar do atraso; contrariamente, era condição do reencontro com um modo de vida genuíno que estava se perdendo na artificialidade do urbano; aqui, a relação não foi pacífica, traço revelador das nossas vanguardas que enfrentaram o problema de construir a cultura moderna em uma sociedade tradicional. Essa tensão original migra, mesmo de modo oblíquo, para a crítica, que se erige em testemunho das dificuldades de construção da cultura moderna no Brasil, bem como do campo intelectual e das suas relações com os agentes do processo de modernização. Em termos explícitos, com a política, o poder, a classe dominante, o Estado.

Diante de uma matéria regionalista fortemente expressiva, por exemplo, tende-se a criar qualificativos. Analisando *Grande Sertão: Veredas*, Antonio Candido afirmou: "no entanto, todos nós *somos* Riobaldo, que transcende o cunho particular do documento para encarnar os problemas comuns da nossa humanidade, num sertão que é também o nosso espaço de vida" (Candido, 1970, p. 151). E, mais adiante: "assim como na ação o jagunço Riobaldo põe termo ao estado de jaguncismo das gerais ... no conhecimento o ângulo de visão do jagunço (de Riobaldo que foi jagunço) é uma espécie de posição privilegiada para penetrar na compreensão profunda do bem e do mal, na trama complicada da vida" (p. 157). Dito de outro modo, a eficácia e a força da obra de Guimarães Rosa subjazem nessa capacidade de ultrapassar a região dos sertões de Minas Gerais, cuja narrativa recorta os grandes problemas existenciais. Segundo o mesmo princípio, o crítico, em outro texto, conclui:

> Se o leitor aceitou as premissas deste ensaio, verá no livro um movimento que afinal reconduz o mito ao fato, faz da lenda símbolo da vida e mostra que, na literatura, a fantasia nos devolve sempre enriquecidos à realidade do quotidiano, onde se tecem os fios da nossa treva e da nossa luz, no destino que nos cabe (Candido, 1978, p. 139).

Destino esse incerto, pois é o que nos resta como sujeitos conformados com o "que nos cabe", habitantes de um mundo situado na margem civilizatória.

Segundo o crítico, esta existência compartilhada e enleada num destino comum transforma a obra literária, que se alça à condição de grande literatura. Sob este prisma, a resolução do desnivelamento entre a ficção regionalista e aquela consagrada pelo cânone literário se cumpre por meio da aproximação do texto com a forma universal instituída pela tradição romanesca. Segundo esta ordem de problemas, a noção de regional perde significado, sendo, antes, mais um entrave do que ferramenta analítica. Mas, ainda assim, não há como separar o modernismo e o regionalismo no Brasil, pois ambos se constituíram, historicamente, nessa relação entranhada e estranha. Em última instância, pode-se dizer que o modernismo brasileiro fez do regional a sua forma privilegiada de expressão, haja vista as suas relações com o barroco mineiro e as pesquisas de Mário de Andrade sobre a cultura popular. Esses liames de origem exprimem a mútua inerência de um e do outro. Nesses termos, a recusa em admitir caráter moderno ao chamado regionalismo do decênio de 1930 não deriva de juízos puramente literários, mas de disputas que transbordam os limites da crítica.

III

As vanguardas no Brasil, representadas pelo movimento modernista de São Paulo, manifestaram desconforto em relação ao regionalismo. Referindo-se à literatura regional, Mário de Andrade, a personalidade mais representativa do grupo paulista, caracterizou-a como forma confinada "ao beco que não sai do beco e se contenta com o beco" (Andrade *apud* Chiappini, 1995, p. 154). Nesta crítica de 1928, Mário classifica o regionalismo como um gênero expressivamente limitado, que sequer se dá conta do seu sufocamento. Neste ano, Mário publicou Macunaíma e o romancista paraibano José Américo de Almeida, *A Bagaceira*, visto como marco inicial do romance social nordestino. Especialmente as obras de José Lins do Rego, que compõem o chamado ciclo da cana-de-açúcar, de Raquel de Queiróz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Ascenso Ferreira, Jorge de Lima e outros são consideradas expressões, por excelência, do

regionalismo do pós-modernismo.[4] A questão, ainda mal resolvida, refere-se ao próprio debate no interior do modernismo, isto é, como construir referências de avaliação entre a força da literatura dita regional e as vanguardas modernas – até porque o romance de 1930 faz parte do legado das vanguardas.

Esse problema, parece-me, não foi ainda bem equacionado, uma vez que, de um lado, tende-se a pensar a literatura que se seguiu às vanguardas dos anos 1920, sobretudo a de São Paulo, como representação do recuo frente aos impulsos de renovação; outras vezes, consideram-na herdeira das novas propostas. No primeiro caso, interpretações como as de Flora Süssekind, para quem o romance da década de 1930, – representado especialmente pelos escritores do Nordeste, mas também pela narrativa histórica do gaúcho Érico Veríssimo e pelos retratos introspectivos dos mineiros – filiava-se à estética naturalista (Süssekind, 1984, p. 42). No segundo, o escritor Luís Fernando Veríssimo observou que, "descontada a Semana de Arte Moderna e suas consequências, foi de fora da metrópole Rio-São Paulo que chegou o novo. Do Nordeste, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, mesmo que a novidade viesse disfarçada de regionalismo" (Veríssimo, 2000, p. 21). Nessa perspectiva, o regionalismo dos anos 1930 foi uma modalidade de interpretação local dos ideários anunciados pelo movimento modernista, por intermédio da recriação particular da realidade. No âmbito desse debate situa-se, embora em perspectiva diversa, a classificação de João Luís Lafetá, para quem o modernismo no Brasil pode ser dividido em duas fases: na primeira predomina o "projeto estético", presente na inovação da linguagem, na segunda, o "projeto ideológico" centrado nas preocupações sobre o papel social da literatura (Lafetá, 1974, p. 17).[5]

Para autores como Antonio Candido, a literatura dos anos 1930 pode ser vista como desdobramento das mudanças ocorridas na década anterior, pois

> [...] um pouco antes de Trinta, e se integrando na mesma corrente popular que acentuou por um momento o rosa burguês da revolução,

[4] Utilizo a expressão pós-modernismo não na acepção de categoria analítica, como é hoje corrente para tratar do esgotamento das propostas modernas, mas para acentuar a tensão entre as vanguardas de 1920 e a literatura de 1930. Os romances de José Lins do Rego, *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüe* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943), compõem o chamado ciclo da cana-de-açúcar.

[5] Importante assinalar que Flora Süssekind é crítica carioca e Luís Fernando Veríssimo é gaúcho e filho do escritor Érico Veríssimo; João Lafetá foi discípulo de Antonio Candido e, portanto, é herdeiro da tradição da USP e modernista de São Paulo, apesar de ser mineiro de origem.

> surgiu o chamado romance do Norte. Surgiu e se colocou, pela primeira vez na literatura nacional, como um movimento de integração, ao patrimônio da nossa cultura, da sensibilidade e da existência do povo, não mais tomado como objeto de contemplação estética, mas de realidade rica e viva [...] procedendo à descoberta e consequente valorização do povo [...] num magnífico de trabalho de preparo ao aspecto político da questão [...] garantindo à literatura brasileira a sua sobrevivência como fenômeno cultural, porque lhe mostrava o caminho e o trabalho a serem realizados (Candido,1992a, p. 46-47).

E acrescentou mais à frente: "a força do romance moderno foi ter entrevisto na massa, não *assunto*, mas realidade criadora" (Candido, 1992a, p. 48, grifo no original). Nesse ensaio, no qual o autor analisa a resolução que a literatura de Jorge Amado encontrou para superar a tensão entre documento e poesia, a mudança ocorreu quando a obra se tornou romance histórico, cujo "resultado é que o livro ganha em humanidade e universalidade" (p. 59). Isto é, a grandeza da obra derivaria do fato de ultrapassar o espaço-tempo, o caráter documental e realista por meio da capacidade de sensibilizar o leitor, permitindo-lhe compartilhar o sentimento das personagens na sua existência humana superiormente vivida.

A perspectiva da universalidade foi o ponto de vista dominante das análises posteriores sobre a literatura da geração de 1930, cuja valorização aconteceu na medida em que salientavam as aproximações entre os romancistas do período e as vanguardas modernas de São Paulo, ainda que os dois próceres do movimento, Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), demonstrassem reservas em relação à geração que se lhes seguiu, sobretudo aos representantes do romance social, os nordestinos José Américo de Almeida (1887-1980), Graciliano Ramos (1892-1953), José Lins do Rego (1901-1957), Raquel de Queiróz (1910-2003), Jorge Amado (1912-2001). Denominados por Oswald de Andrade de "búfalos do Nordeste" (Andrade, 1990), por se tratar de obras que revelavam fundas injustiças sociais e uma identificação difusa e diferenciada dos autores com o ideário das esquerdas, a imagem oswaldiana sugeria um estilo pesado, sem arroubos criativos e aventuras estilísticas, em função dos retratos criados sobre a miséria das camadas populares na região (Arruda, 2011, p. 192). O "mundo novo" criado pelo modernismo, na visão de Mário de

Andrade, estava na raiz da geração que os sucedeu, mas de modo diverso: "as gerações seguintes, já de outro e mais bem municiado realismo, nada têm de gozadas, são alevantadas mesmo, e buscam o prazer no estudo e na discussão dos problemas humanos [...] e não no prazer" (Andrade, 1941, p. 16). Na verdade, os dois modernistas dividiam o mesmo sentimento "de que os romancistas da década de 1930 não só haviam promovido um retorno à ordem [...] como representavam a nova geração dos consagrados" (Arruda, 2011, p. 194). Criadores de uma "linguagem ficcional concebida nesses contextos tradicionais", esses escritores "foram o polo de irradiação de uma literatura nova que marcará as letras brasileiras ao longo do século" (Arruda, 2011, p. 199).

As querelas do momento ficaram esmaecidas na crítica posterior, e isso por diversos motivos que merecem uma avaliação mais acurada. Certamente, o legado do modernismo – especialmente do consagrado movimento de São Paulo que se impôs como dominante e erigiu-se como principal referência – tornou-se sinônimo das vanguardas no país e passou a ser parâmetro de avaliação. Embora se reconheça a diversidade entre as duas gerações – das vanguardas e dos representantes de 1930 – a força desta literatura que se distinguiu por formar "uma visão crítica das relações sociais," presente no "romance empenhado desses anos fecundados para a prosa narrativa" (Bosi, 1977, p. 436-437), costuma ser associada aos desdobramentos advindos da inovação modernista. Segundo Luís Bueno,

> o romance de 30 se define mesmo a partir do modernismo e certamente não poderia ter tido a abrangência que teve sem as condições que o modernismo conquistou para o ambiente literário e intelectual do país. No entanto, ao afastar-se da utopia modernista, terminou por ganhar contornos próprios que, de certa forma, só seriam retomados pela ficção brasileira do pós-64, também dominada pelo desencanto (Bueno, 2006, p. 80).

Dito de outra forma, a geração pioneira encarnou uma visão utópica e até otimista do país; a segunda já manifestava ceticismo, em larga medida porque, enquanto as duas personalidades emblemáticas do modernismo paulista vinham de um estado em pleno processo de modernização, urbanização e progresso, a literatura de 1930, imprecisamente denominada regionalista, teve como eixo a ficcionalização do mundo agrário, centrado

na decadência social das famílias dominantes e nos miseráveis expulsos por aquele mundo em desintegração. "No entanto, ajustaram suas lentes para apanhar os conflitos e as hesitações provenientes quer da resistência de modos de vida do passado, quer do impacto da mudança sobre essa realidade carente de recursos para assimilá-la" (Arruda, 2014, p. 129). A força desse regionalismo, revelada nos conflitos que grassaram nas hostes vanguardistas, atesta o quanto essas querelas nublavam os motivos substanciais das disputas, originadas na perda de domínio das oligarquias estaduais, bem como das relações entre os ilustrados e o poder local, uns e outros abalados pelo progresso industrial paulista.

As discordâncias a respeito das orientações modernistas escamoteavam o caráter político do dissenso; embora manifestassem tendências reais das vanguardas nas diversas regiões, eram aparência do sentido hegemônico da modernização, oriundo especialmente de São Paulo. Em suma, as esferas culturais e literárias estavam permeadas pelas dinâmicas política e social, que se situam na base das disposições reveladas nessa ficção.

> A experiência da perda de poder à qual se encontraram sujeitados os membros dessas famílias empobrecidas, estaria na raiz, por consequência, não apenas de um distanciamento crítico com que encaravam sua classe, mas também da possível tomada de consciência da heterogeneidade de interesses e dos móveis em disputa de sua classe de origem (Costa, 2013, p. 89).

Nesse sentido, a ficção desse período rompeu com o "regionalismo otimista do Romantismo" (Prado, 2010, p. 19), com suas expressões elitistas e avessas ao trato popular. Diversamente, o chamado romance social nordestino do pós-1930 foi representação incontestável das iniquidades sociais produzidas pela modernização regionalmente excludente e na qual as personagens são prisioneiras de um mundo em desaparição. Em um prefácio inusual, Antonio Candido escreveu:

> Sempre me intrigou o fato de num país novo como o Brasil, e num século como o nosso, a ficção, a poesia, o teatro produzirem a maioria das obras de valor no tema da decadência – social, familiar, pessoal [...] Cheguei a pensar que este "estigma" [...] seria quase requisito para produzir obras valiosas, e que portanto, os rebentos das famílias mais velhas estariam no caso em situação favorável (Candido, 1979, p. xiii).

Sob o ângulo do crítico, esses herdeiros de famílias de origem abastada, depois arruinadas, foram escritores representativos da renovação literária do século passado, cuja realização não se deu à margem dessa ficção, antes a pressupôs.[6]

A literatura que tratou do declínio das relações do Brasil tradicional, representada pelos romancistas do Nordeste, mas também pelos mineiros como Cyro dos Anjos (1906-1994), sobretudo por Lúcio Cardoso (1912-1968), em conjunto com o gaúcho Érico Veríssimo (1905-1975), espelhou, como todas as formas agônicas gestadas em situações fenecentes, desencanto e ceticismo, vistos na "figura do fracassado [...] o primeiro a apontar a recorrência dessa figura, para reprová-la, [foi] um modernista, Mário de Andrade", como argutamente observou Luís Bueno, estudioso do romance de 1930 (Bueno, 2006, p. 74). Interessante perceber que a rejeição de Mário de Andrade a essa personagem símbolo da literatura dos trinta, essa "figura-síntese", porém diversa daquela que caracterizou a trama romanesca do século XIX, visto que "o impasse substituiu a linha reta que era comum no realismo", foi representação alegórica do "fracasso da modernização brasileira" (Marques, 2015, p. 67), sendo por isso uma mescla de vivências do passado em direção a um futuro incerto, típicas de momentos de transição. Na mesma linha de raciocínio, Roberto Schwarz, em obra pioneira, chamou a atenção para a "gravitação complexa, em que volta e meia se repete uma constelação na qual a ideologia hegemônica do Ocidente faz figura derrisória de mania entre manias" (Schwarz, 1977, p. 23).

Mas, a despeito do propalado otimismo paulista, Oswald de Andrade demonstrou reservas frente à modernização em curso, questionando o impulso civilizatório da nossa modernidade. Para Bruna Carvalho Lima, Oswald de Andrade revelou ter consciência dos limites da criação literária moderna em países periféricos como o Brasil (Lima, 2018). Nesse cenário, os impasses da modernização desdobraram-se, como sói acontecer, nas linguagens da cultura, cujo drama central foi ultrapassar o dilema entre o acanhamento local e a assimilação da renovação representada pelo modernismo. Nesse cenário, é legítimo dizer que o *Manifesto Antropófago*, de 1928, foi uma representação alegórica da tensão percebida por Oswald entre o provincianismo local e o cosmopolitismo representado pela cultura moderna europeia, especialmente francesa (Lima, 2018), problema tratado por

[6] Em Arruda (1990), esp. Capítulo 4, tratei da relação entre produção literária e decadência social.

Arnoni Prado na análise sobre a geração anterior aos modernistas paulistas, revelando os impasses e enfrentamentos geracionais, especialmente o modo como uma elite intelectual de cariz oligárquico enfrentou os ares da renovação (Prado, 2010).

Referindo-se à primeira geração da República, Arnoni Prado escreveu:

> o contato com o ideário naturista leva a consciência intelectual do pensamento ilustrado a um balanço crítico do próprio isolamento [...] Com Elísio, a visão oligárquica da modernidade antecipa-se à própria realidade e o discurso literário procura manifestar-se sobretudo enquanto norma interessada em categorias distintas como Estado, a natureza, o homem e o trabalho (Prado, 2010, p. 42).

A análise dessa produção – derivada do atraso reinante, mas fruto de um grupo de intelectuais muitas vezes cosmopolita –, permitiu ao autor caracterizar o problema central da vida cultural no Brasil: o enlace entre visão oligárquica e modernidade, cujo embate desemboca em formas específicas de normatividade, transferindo à dimensão estética o papel de modernizar o conjunto. Os conflitos reinantes emergiram das tensões que acompanharam a dinâmica da formação da sociedade moderna no país, que não se apartaram das forças sociais e políticas em pugna, nas quais os intelectuais e artistas brasileiros eram parte integrante.

IV

Se tal assertiva apanha o modernismo brasileiro, no caso da ficção do Nordeste fica patente a dimensão que se revela no elo entre as propostas renovadoras e a valorização regional, sobretudo presentes no Movimento Regionalista, liderado por Gilberto Freyre e cujo *Congresso Regionalista*, ocorrido em 1926, contou com a participação de José Lins do Rego. Acontecimento central à formulação do ideário modernista da região, autorizando admitir a existência de "dois grandes centros de afirmações modernistas no Brasil – São Paulo-Rio de Janeiro e Recife – com atitudes comuns e também muitas divergências, aliás aparentes, se consideradas em seus aspectos polêmicos e até mesmo em suas preocupações de originalidade e independência" (Castello, 1961, p. 19), as propostas modernistas que espocavam no Nordeste, particularmente em Recife,

aliavam à renovação a exaltação do regional (Azevêdo, 1984, especialmente capítulo 1). A concepção de Gilberto Freyre estava informada pela crença de que "o modernismo do Rio e de São Paulo foi insignificante sobre aquele grupo regional" (Azevêdo, 1984, p. 35); para o escritor José Lins do Rego, o modernismo paulista foi "uma velharia, um desfrute, que o gênio de Oswald de Andrade inventara para divertir seus ócios milionários" (Azevêdo, 1984, p. 49). Em outra ocasião, teceu opiniões ainda mais acerbas: "Pobre Oswald, é um velho que perdeu até a memória. Destino ilógico o desse escritor paulista" (Gusmão, 1991, p. 54).

A visão crítica de Gilberto Freyre sobre os paulistas é a própria revelação dos conflitos existentes entre intelectuais diversamente situados e em contextos regionais em desvantagem relativa frente à modernização, especialmente a de São Paulo. As polêmicas generalizavam-se, como se percebe na compreensão diversa sobre a poesia moderna, a exemplo das posturas do poeta pernambucano Jorge de Lima sobre os paulistas. O grupo regionalista de Recife assumiu uma "posição independente em relação a Rio e São Paulo, e até contrária, ao mesmo tempo capaz de apresentar sugestões importantes e definitivas para a poesia modernista [...] E, a partir da criação de Manuel Bandeira, surgem muitas outras semelhantes de outros poetas" (Castello, 1961, p. 99). Os intelectuais do Nordeste, em particular o grupo de Recife congregado em torno de Gilberto Freyre, criticavam a concepção de que a Semana de Arte Moderna de São Paulo havia inaugurado a fase moderna da cultura brasileira, consideravam a linguagem de *Macunaíma* artificial e pensavam o modernismo paulista no prisma dos limites estaduais (Castello, 1961). José Lins do Rego, particularmente, não poupou críticas aos paulistas, as quais, se de um lado eram sintoma da proeminência do modernismo paulista, de outro atestavam o significado da literatura do Nordeste na época, bem como o êxito editorial desses romancistas (Arruda, 2011). A geração de escritores de 1930, com destaque para os romancistas do Nordeste, predominou na cena editorial brasileira, pelo menos ao longo das duas décadas seguintes. Evidentemente, não se pode desconhecer o papel de José Lins do Rego como consultor da Livraria José Olympio Editora no Rio de Janeiro, que teve papel decisivo na divulgação dos escritores da sua região e participação relevante na mudança do ambiente editorial brasileiro (Arruda, 2011).

Nesse ângulo de análise, a retomada do regionalismo na vertente do tradicionalismo, capitaneada por Freyre, na ocasião do Congresso Regionalista de 1926, é acontecimento pleno de significado cultural e político, por ser força resistente de uma literatura embebida nas tramas de uma sociedade do passado em processo de superação, mas que, porém, não tinha dinamismo suficiente para encontrar o futuro. No caso do regionalismo idealizado em Pernambuco, tradição e modernidade harmonizaram-se com "a vanguarda e o regional, unindo anseios e misturando contrários" (Marinheiro, 2008, p. 15), fenômeno tanto de ordem intelectual e literária, quanto político; puras revelações, por fim, dos impasses gestados pela fadiga da tradição e dos dramas do Brasil no trânsito para o moderno. Os dilemas daí resultantes receberam tratamento ficcional, do qual derivaram os retratos das personagens em agonia e existencialmente partidas, cuja força expressiva resultou, igualmente, da sua capacidade de representar simbolicamente o mundo social. Daí decorre grande parte do seu interesse para tratar da constituição da moderna sociedade no Brasil e da perda de modos de vida, em função tanto da sua decadência, quanto da sua superação ocorrida no bojo da modernização. O denominado romance regional de 1930, além da categorização imprecisa, resultou da combinação entre o modernismo "que se forjou na assimilação da nossa oralidade e se legitimou no compromisso com a realidade brasileira" (Arruda, 2014, p. 128).

O regionalismo nordestino preocupou-se com os riscos representados pela importação cultural estrangeira, com a perda do caráter genuíno da cultura no Brasil, posição característica das teses freyrianas (Prado, 2004). Diante de tal problemática, é possível afirmar que esse regionalismo oscilou entre os arroubos insubmissos e a conformidade com a tradição, prisioneiro da tensão que acompanhou a formação da cultura moderna no Brasil. Nesse universo de agudas contradições, a denominada literatura regional erigiu-se em força expressiva para além dos seus limites socioespaciais, tornando-se testemunho do desterro da cultura moderna na sociedade brasileira, problema que, de resto, orientou uma linhagem significativa da reflexão no Brasil, presente nos ensaios sobre a formação.[7] A rigor, a questão da formação da sociedade brasileira ganhou contornos com o modernismo, quando os ensaístas de 1930 – Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda – trataram da constituição do país, como nação, sociedade e

[7] Tratei do problema da formação nos ensaios de interpretação no Brasil em Arruda, 2017 e 2018.

cultura[8] Numa troca de correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, o modernista, referindo-se aos gêneros musicais populares e à dificuldade de classificá-los, escreveu: "É possível também que isto se dê por causa do Brasil, *hélas!* ser uma coisa completamente [...] em formação ainda" (Andrade, 2001, p. 608).

Segundo tal andamento, é perfeitamente adequado atribuir à geração dos romancistas que estrearam nos anos 1930 a condição de retratistas dos dilemas da formação moderna em sociedades como a brasileira. Os romancistas do Nordeste, do mesmo modo que os mineiros Cyro dos Anjos e Lúcio Cardoso, como o gaúcho Érico Veríssimo, construíram uma ficção que revelou as tensões sociais no curso da modernização da sociedade brasileira, abrindo caminhos férteis à interrogação de cunho sociológico, erigindo-se em matéria de conhecimento do mundo. A despeito das diferenças entre os escritores do período, essa literatura tem em comum a denúncia, talvez mais do que a teoria social, das iniquidades da realização do moderno entre nós, transitando entre o desmascaramento das desigualdades e o compromisso com a linguagem modernista. Esse momento do modernismo "conclui a metamorfose para o moderno e assume as opções sociais [...] em lugar da gratuidade estética de que até então tinha vivido" (Martins, 1978, p. 497), distinguindo-se por construir ficcionalmente os dilemas presentes na vida política brasileira da década de trinta, anos nos quais a modernização econômica, a industrialização e a centralização do poder do Estado enfraqueceram o domínio das oligarquias regionais, já debilitadas pela crise do seu modo de vida.

Se os romances do paraibano José Lins do Rego compuseram imagens pungentes da crise da sociedade açucareira, formadas em "ambientes densamente carregados de tragédia" e por personagens de "decadência e transição" (Candido, 1992b, p. 63), a ficção do mineiro Lúcio Cardoso, particularmente, *Crônica da Casa Assassinada* – seu livro mais notável, editado em 1959 – é retrato acabado e impiedoso da decadência econômica, social e moral dos Meneses, família mineira tradicional confinada no solar ancestral. Nenhum livro da literatura brasileira parece rivalizar-se com as imagens reveladas nessa obra de forte tensão subjetiva, considerada

[8] Para Antonio Arnoni Prado (2015, p. 10-11), "na transição da crítica brasileira para o Modernismo", Sérgio Buarque de Holanda deve ser entendido "como primeiro visionário das raízes autênticas da modernidade que então se anunciava".

expressão literária ímpar até o momento da sua publicação representando o ápice da criação romanesca cardosiana,[9] cujas personagens são encarnações da tragédia das suas vidas sem saída e que se movem nos espaços confinados das casas familiares, figurações do declínio social inexorável.

Pertencente à segunda geração dos escritores mineiros, juntamente com Cyro dos Anjos e João Guimarães Rosa, a ficção de Lúcio Cardoso impregnou-se dos acontecimentos – contingentes e circunstanciais – nas diversas linguagens às quais se dedicou: romance, dramaturgia, poesia etc. No entanto, permanências são perceptíveis:

> ausência de uma antevisão de futuro; o peso das relações familiares; a força incoercível da origem; a intransferibilidade da herança; a rendição aos acontecimentos, dada a ausência de saídas; o sufocante conflito existencial; a transgressão como experiência limítrofe; a combinação de busca e impossibilidade da virtude; em suma, a submissão ao caráter trágico da existência presa a um destino, mas vivida na contingência (Arruda, 2014, p. 122).

Outra dimensão característica dessa literatura que tratou da decadência é a profusão erótica combinada à religiosidade e senso do pecado, conflito moral vivido no espaço confinado da casa ancestral, como lugar de realização suprema da dissolução dos laços familiares, núcleo da sociabilidade das camadas dominantes do Brasil oligárquico. O casarão em ruína é metáfora da perda de lugar daquelas elites outrora dominantes e desalojadas do poder, levadas a viver de expedientes, na ausência de posições na burocracia estatal, como já salientou Sérgio Miceli (1979) e que "traduz muito do peculiar e escorregadio sentido de Brasil" (Rufinoni, 2015, p. 231); do país que se moderniza, mas sem vigor para anular o passado.

Crônica da Casa Assassinada – editada quando os escritores do Nordeste já haviam dominado a cena literária brasileira e após a publicação do notável romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa – teve recepção modesta à época, sem atingir a mesma repercussão dos livros empenhados dos nordestinos e da saga sertaneja rosiana. *Maleita*, a novela de estreia, publicada em 1934 e considerada narrativa regionalista, retrata a história familiar – pois seu pai foi fundador da cidade mineira de Pirapora localizada nas margens do rio São Francisco – e foi empanada pelo êxito editorial do chamado romance

[9] Analisei a ficção de Lúcio Cardoso, particularmente *Crônica da Casa Assassinada*, em Arruda, 2014.

do Norte. A valorização de *Crônica* é fenômeno das últimas décadas, quando o debate sobre o regional arrefeceu, a literatura brasileira diversificou-se com a proliferação das obras ligadas às narrativas urbanas e aos dramas das grandes metrópoles, segundo os contornos da ficção mundial e em consonância com a internacionalização do mercado editorial.

A profundidade da modernização brasileira, não obstante seu caráter socialmente injusto e politicamente conservador, redefiniu os termos do debate, mas abriu espaço para a apreciação de narrativas intensamente subjetivistas, de composição fragmentada, permeadas pela linguagem do teatro e do cinema. Diferentemente dos romances de José Lins do Rego, que se "assentam sempre sobre uma realidade social intensamente presente e atuante, condicionando a circulação das pessoas" (Candido, 1992b, p. 64), em Lúcio Cardoso tudo se passa na subjetividade das várias personagens que narram o drama familiar e que possuem a mesma voz autoral. Tais características aproximam o livro das obras literárias contemporâneas, abrindo espaço ao tratamento diferenciado da obra. Na esteira dessas transformações do país, as vanguardas foram reavaliadas e mostrou-se que o modernismo de São Paulo não estava dispensado de contradições, mesclando futurismo e atraso; a versão predominante correspondeu ao ideário de progresso da burguesia industrial nascente e das elites políticas do estado (Fabris, 1994, p. 31). Em contrapartida, o romance social, especialmente do Nordeste, representou a voz das camadas agrárias tradicionais em processo de perda de poder, cujo estilo de vida volatilizava-se, engolfado no vórtice da modernização em curso.

Esses parecem ser os termos mais adequados do debate, que reenquadram o universo das querelas literárias, buscando os nexos existentes entre a dinâmica da sociedade e a cultura. "De fato, na esteira da superação do domínio agrário nas esferas social, econômica e política, mudanças de vulto ganhavam expressão no âmbito das linguagens da cultura" (Arruda, 2014, p. 144). Consolidada a transformação, as forças tradicionais se reacomodaram e procuraram tirar vantagem da aliança com os setores modernizantes, com efeitos diversos sobre ambos, mas cujo resultado redundou na modernização conservadora do Brasil, resultante da participação das oligarquias no processo e o consequente amesquinhamento dos agentes modernos.

A literatura regional e os movimentos de vanguarda foram componentes, partícipes e testemunhos das transformações; estavam imersos nas

contradições que os acompanharam e atingiram a atividade intelectual. Quase todos os escritores do período eram membros da burocracia do Estado, uma "literatura de funcionários públicos", segundo Carlos Drummond de Andrade, ele mesmo um representante notável desse dilema dos herdeiros das famílias sem herança, dos que fizeram da sua história matéria literária e poética, como se vê nos versos: "Que fará na roça esse herdeiro triste/ de um poder antigo?" (Andrade, Carlos D., 1992, p. 530), versos quase de justificação do dilema de intelectuais comprometidos com o poder e com as instituições de dominação, muito bem retratados na novela *O Amanuense Belmiro* (1937), do escritor mineiro Cyro dos Anjos, caracterizada por Antonio Candido como "livro de um burocrata lírico" (Candido, 1992c, p. 80), representação alegórica do intelectual e escritor prisioneiro da burocracia pública. "A pedra seca do amanuense é a burocracia [...] por ser uma extensão do privilégio rural, a sinecura é o posto menos urbano da cidade" (Schwarz, 2008, p. 21).

As relações entre o modernismo e o regionalismo no Brasil, como se vê, extrapolam as questões literárias, revelando o quanto estiveram impregnadas de motivos internos e externos à cena letrada. Independentemente disso, a temática dita regional instituiu uma linhagem poderosa da literatura brasileira, a exemplo do jagunço como personagem que vai se diluindo, como o introspectivo Riobaldo e os seus companheiros de luta que, na pena de Rosa, tornaram o "Sertão Mundo"; ou, de outro modo, quando o "bando de Chico Herrera" saqueou a casa ancestral dos Meneses, no imaginário de Lúcio Cardoso, concluindo a ruína da família e levando ao término a decadência de todo um estilo de vida. Nesse contexto, Guimarães Rosa e Lúcio Cardoso são fautores do deslocamento do eixo da ficção que já se revelava na agonia do mundo de origem desses escritores, como resultado

> da complexificação e diversificação da produção literária em meados do século XX, do crescimento quantitativo e qualitativo dos agentes e das instituições (autores, críticos, público, editores e veículos especializados); o aceleramento da modernização no país que se concentrava em São Paulo, mas cujo raio de ação atingiu os estados adjacentes e a região Sul, aprofundando a crise do Nordeste, que obrigou as elites regionais a se deslocarem para as capitais do Sudeste, enfraquecendo a expressividade de origem (Arruda, 2014, p. 145)

O regionalismo não é distinto das vanguardas modernas no Brasil, pois compartilham a mesma história e fazem parte do mesmo conjunto. Nessa medida, tratar das relações entre o regionalismo e o modernismo e das formas como se deram é examinar a própria construção da modernidade no país, mas, especialmente, perceber os caminhos da história intelectual no Brasil. Ponto de referência para reescrever toda a história literária, sobretudo em São Paulo, as vanguardas dos anos 1920 foram tomadas como parâmetro de avaliação para periodizar e classificar a produção cultural no Brasil. Evidentemente, tais operações espelhavam os projetos de uma intelectualidade limitada pelo acanhamento do meio, impelida a buscar modelos mais próximos dos centros cosmopolitas, no mesmo compasso em que afinava os métodos de análise, como condição, igualmente, de formar as novas gerações segundo as teorias mais atuais, caso dos professores da Universidade de São Paulo. Por essa razão, o tratamento da formação da cultura moderna no Brasil implica superar a dicotomia entre análises internas e externas da obra e ultrapassar o âmbito do universo letrado.

O chamado romance social do Norte e a literatura que elegeu a decadência das oligarquias aparece em meio a essa pletora de fatores, no curso da constituição do Brasil moderno e do vácuo social daí resultante. Essa vinculação profunda manifesta a complexidade do problema e convida à colaboração entre domínios diversos do conhecimento. O ensaísmo crítico sobre a formação emerge como chave importante à elucidação das complexas relações entre a produção ficcional de corte moderno, vista no crivo da cultura regional.

Referências

Adorno, Theodor. (2021). Sobre tradição. *In* T. Adorno, *Parva aesthetica* (pp. 71-84). Unesp.

Adorno, Theodor. (1962). La crítica de la cultura y la sociedad. *In* T. Adorno, *Prismas: la crítica de la cultura y la sociedad* (pp. 9–29). Ariel.

Andrade, Carlos Drummond de. (1992). O viajante pedestre. *In* C. D. Andrade, *Poesia e Prosa*. Nova Aguilar.

Andrade, Mário de. (2001). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* (2. ed.). Edusp-Ieb.

Andrade, Mário de. (1941). Elegia de abril. *Clima*. 1 de maio.

Andrade, Oswald de. (1990). *Os dentes do dragão*. Globo.

Anjos, Cyro dos. (1979). *O amanuense Belmiro* (10. ed.). José Olympio.

Arruda, Maria Arminda do N. (2018). The contemporary relevance of Florestan Fernandes. *Sociologia e Antropologia, 8*(1), 47-68. https://doi.org/10.1590/2238-38752016v812

Arruda, Maria Arminda do N. (2017). El concepto de formación en tiempos críticos: esbozo de reflexión. *Sociológica, 32*(90). 47-68.

Arruda, Maria Arminda do N. (2014). Lúcio Cardoso: tempo, poesia e ficção. *In:* S. Miceli, & H. Pontes (orgs.). *Cultura e Sociedade: Brasil e Argentina* (pp. 115-160). Edusp.

Arruda, Maria Arminda do N. (2011). Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. *Tempo Social, 23*(2), 191-212, 2011. https://doi.org/10.1590/S0103-20702011000200008

Arruda, Maria Arminda do N. (1990). *Mitologia da mineiridade. O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. Ed Brasiliense.

Azevêdo, Neroaldo P. de. (1984). *Modernismo e regionalismo. Os anos 20 em Pernambuco*. Secretaria da Educação e Cultura da Paraíba.

Bakhtin, Mikhail. (2017). *Teoria do romance I. A estilística* (P. Bezerra, Trad.). Editora 34.

Bosi, Alfredo. (1977). *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix.

Bourdieu, Pierre. (1991). Le champ littéraire. *Actes de la recherche en sciences sociales, 89*(1), 3–46.

Bueno, Luís. (2006). *Uma história do romance de 30*. Edunicamp; Edusp.

Candido, Antonio. (1979). Prefácio. *In* S. Miceli, *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Difel.

Candido, Antonio. (1978). O homem dos avessos. *In* A. Candido. *Tese e antítese*. Companhia Editora Nacional.

Candido, Antonio. (1970). Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. *In* A. Candido, *Vários escritos*. Duas cidades.

Candido, Antonio. (1965). *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. Editora Companhia Nacional.

Candido, Antonio. (1992a). Poesia, documento e história. *In* A. Candido, *Brigada ligeira e outros escritos* (pp. 45-60). Editora da Unesp. Publicação original de 1945, pela Livraria Editora Martins.

Candido, Antonio. (1992b). Um romancista da decadência. *In* A. Candido, *Brigada Ligeira e outros escritos* (pp. 61-67). Editora da Unesp. Publicação original de 1945 pela Livraria Editora Martins.

Candido, Antonio. (1992b). Estratégia. *In* A. Candido, *Brigada Ligeira e outros escritos* (pp. 79-85). Editora da Unesp. Publicação original de 1945 pela Livraria Editora Martins.

Casanova, Pascale. (2002). *A república mundial das Letras*. Estação Liberdade.

Castello, José Aderaldo. (1961). *José Lins do Rego. Modernismo e regionalismo*. Edart.

Cardoso, Lúcio. (2014). Tempo, poesia e ficção. *In* S. Miceli & H. Pontes (orgs.), *Cultura e Sociedade. Brasil e Argentina* (pp. 115-160). Edusp.

Cardoso, Lúcio. (1979). *Crônica da casa assassinada*. Nova Fronteira.

César, Guilhermino. (1971). *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Globo.

Chiappini, Lígia. (2004). O modernismo no Rio Grande do Sul: revisitando uma pesquisa dos anos 70. *Literatura e Sociedade, 9*(7), 256–265. https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i7p256-265

Chiappini, Lígia. (1995). Do beco ao belo: as teses sobre regionalismo na literatura. *Estudos históricos, 8*(5), 153–159.

Costa, Fabrício S. da. (2013). Erico Veríssimo e José Lins do Rego: história social dos contadores de história natos. *Revista de Letras, 53*(1), 83-100 .

Fabris, Annateresa. (1994). *O futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil*. Edusp/Perspectiva.

Gusmão, Clóvis. (1991). A terra é quem manda em meus romances. *In* E. Coutinho & Â. B. de Castro (orgs.), *José Lins do Rego* (pp. 52-56). Coleção Fortuna crítica, Vol. 7. Civilização Brasileira.

Habermas, Jürgen. (1990). *O discurso filosófico da modernidade* (A. Marques, rev. crít.). Publicações Dom Quixote.

Lafetá, João Luís. (1974). *1930: a crítica e o modernismo*. Duas cidades.

Lima, Bruna de la T. de C. (2018). *Vanguarda do atraso ou atraso da vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil*. Alameda.

Marques, Ivan. (2015). Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no romance de 30. *Teresa: Revista de Literatura brasileira*, (16), 55–74. https://revistas.usp.br/teresa/es/article/view/115414

Marinheiro, Elizabeth. (2010). *A Bagaceira. Uma estética da sociologia*. (2. ed.). Conselho Estadual de Cultura.

Martins, Wilson. (1978). *História da inteligência brasileira* (Vol. 6: 1915-1933). Cultrix.

Miceli, Sérgio. (1979). *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Difel.

Moretti, Franco. (2009). Apresentação. *In* F. Moretti, *A cultura do romance* (D. Bottman, Trad.). Cosac Naify.

Prado, Antonio A. (2004). Nacionalismo literário e cosmopolitismo. *In* A. A. Prado, *Trincheira, palco e letras* (pp. 13–39). Cosac Naify.

Prado, Antonio A. (2010). Presença da falsa vanguarda: o ideário e o percurso. *In* A. A. Prado, *Itinerário de uma falsa vanguarda* (pp. 17–43). Editora 34.

Prado, Antonio A. (2015). Apresentação. *In* A. A. Prado, *Dois letrados e o Brasil nação. A obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda*. Editora 34.

Prieto, Adolfo. (2006). *El discurso criollista en la Formación da la Argentina moderna*. Siglo Veintiuno.

Rufinoni, Simone R. (2015). Pormenor e dissipação. O Brasil de Cornélio Pena. *Teresa: Revista de literatura brasileira*, (16), 220–239.

Schwarz, Roberto. (2008). *O pai de família e outros estudos*. Cia. das Letras.

Schwarz, Roberto. (1977). *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. Duas Cidades.

Süssekind, Flora. (1984). *Tal Brasil, qual romance? Uma ideologia estética e sua história: O naturalismo*. Achiamé.

Veríssimo, Luís Fernando. (2000). Érico Veríssimo um escritor de vanguarda. *In* R. P. Gonçalves (org.), *O tempo e o vento 50 anos* (pp. 21–24). Edusc.

Williams, Raymond. (2013). *A produção social da escrita*. Edunesp.

Williams, Raymond. (2007). *Política do modernismo* (A. Glaser, Trad.). Edunesp.

Williams, Raymond. (1989). *O campo e a cidade na história e na literatura* (P. H. Britto, Trad.). Cia. das Letras.

Zilberman, Regina. (1992). *A literatura no Rio grande do Sul*. Ed. Mercado Aberto.

Recebido: 11 maio 2026.
Aprovado: 10 out. 2026.

Licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0